

dirigir-se para uma expressão que é no fundo, de carácter artístico; mas como corta as ligações com o real, não consegue por falta de materiais, construir um mundo seu, como fez a Arte. Precipita-se então no abstracto vazio, no simbolismo sem conteúdo, e ali se dissolve. A sua situação é então peor de que a de um escultor que nos quizesse representar em estátua por fórmulas matemáticas; aqui ainda o caso seria possível, pois, com um esforço de representação poder-se-ia ter uma figuração mental da estátua; a metafísica vai mais longe e torna esta representação impossível; o seu caso é o do escultor que nos quizesse dar a estátua num espaço não euclidiano. Aqui ainda, a coisa seria teoricamente possível, imaginando uma intuição em que tal representação fôsse viável: — a metafísica suprime estes últimos recursos e reduz as possibilidades a zero.

Por esta razão, sentindo inconvenientemente a inquietação do vazio, e vendo-se, no alto das suas abstracções, frente ao vacuo, recorre automaticamente aos elementos emotivos mais ou menos disfarçados, figurados, vestidos com roupagens abstractas. Entra então, de novo, no campo da Arte; mas, como diz Rudolf Carnap é então uma forma mediocre da expressão do sentimento da vida.

*

Podemos condensar os resultados dêste estudo nas seguintes conclusões.

Os processos psicológicos de construção da metafísica consistem no seguinte:

1.º Passagem psicológica ilegítima ao *limite* sem um critério lógico que o permita;

2.º Dissociação do complexo *relação*

por corte da ligação com os termos, abstracção formal e simbolização desta relação formal;

3.º Cópula desta *relação* formal, dissociada, com abstracções de vária ordem e oriundos de variada origem, e com elementos emotivos muito diversos;

4.º Extensão da intuição ao absoluto e ao infinito simbólicamente actualizado, e aplicação da lógica do finito a êste infinito ficticiamente actualizado.

São estes alguns dos processos psicológica capitais da construção metafísica; êles representam uma observação psicológica. Mas esta observação só o é, porque está em conflito com a evolução do pensamento, não porque represente processos anti-naturais. Quer dizer, tais processos são normais no espírito humano, simplesmente os progressos desta estabelecem um contraste entre as aquisições históricas do pensamento, e a sua forma primitiva.

O estado comparado da mentalidade metafísica com a mentalidade primitiva esclarecem êste ponto. Assim, teremos de encarar ainda a psicologia da Metafísica considerando-a como um facto realizado, natural, como um objecto condicionando pelos factores biológicos, isto é, pelos biotipos, de um lado, e pelas condições gerais da evolução histórica do pensamento, do outro. A Metafísica, como objecto, é função do biotipo e da evolução do espírito humano; êste estudo indispensável tem de ser feito noutro campo, com outros elementos e sob outros pontos de vista, sendo portanto conveniente abordá-lo noutro trabalho. Tal trabalho deverá pois focar principalmente as condições biológicas e históricas que determinam as manifestações metafísicas e que as explicam.

O ESPÍRITO UNIVERSAL

(CONCLUSÃO DA PÁGINA 10)

presentação, ninguém está ainda seguro da significação que ela possa ter».

Como se vê, Laplace admitia, com tóda a ciência de então, que todo o fenómeno era conseqüência inevitável dum determinado fenómeno anterior, e causa inexorável dum determinado fenómeno futuro. Era o princípio da causa e efeito.

Mas a ciência moderna destruiu em parte êsse princípio — o princípio da cau-

salidade — (1), limitou-o, pelo menos, e pôs em vigôr um novo princípio: o das probabilidades. Determinada causa, segundo tódas as probabilidades, deve produzir certo efeito; mas produzi-lo-á com certeza? Não o sabemos, não o podemos saber.

E como nós, o «espírito do mundo», que é essencialmente matemático, também não o poderá saber.

(1) Veja: Phillip Frank—Le Principe de Causalité et ses Limites—Hachette, Paris, 1939.